



O HOMEM NO CONTEXTO DAS DANÇAS DENTRO DA ESEFEGO NA DÉCADA DE 1970, A PARTIR DA HISTÓRIA ORAL.

Marcelo Carneiro dos Santos¹⁹
mrclmxemanuell22@gmail.com.

Resumo: Uma análise histórica acerca do homem nas danças dentro da ESEFEGO, utilizando da metodologia da história oral que auxiliará na pesquisa. O estudo do objeto vai contribuir na formação de futuros professores de Educação Física, dentro de uma perspectiva curricular, discussão histórica, gênero e homossexualidade. O resultado encontrado com o trabalho trás a tona uma discussão acerca de gênero e homossexualidade, onde os homens que faziam parte do GDU eram descritos como homossexuais.

Palavras-chave: *Danças, História, Método da História Oral, homossexualidade, ESEFEGO.*

Abstract: A historical analysis about the man in the dances within the ESEFEGO, using the methodology of oral history that will help in the search. The object of the study will contribute to the training of future teachers of physical education, within a curricular perspective, historical discussion, gender and homosexuality. The results found with the work back to light an increasing discussion about gender and homosexuality, where men who were part of the GDU were described as homosexuals.

Keywords: *Dances, history, method of oral history, homosexuality, ESEFEGO*

Introdução:

Apesar de grandes estudos que são feitos no mundo acerca da dança, o autor preferiu reconstruir como se deu este acontecimento numa discussão histórica acerca do sexo masculino nas danças dentro da ESEFEGO na década de 1970, utilizando da metodologia da História Oral para realizá-la, acompanhando os pressupostos históricos, valores é a construção corporal exigida na época aqui discutida, dando um novo olhar às perspectivas que cercam um marco histórico que aconteceu gradativamente dentro da ESEFEGO, mostrando sua importância para o estado de Goiás é os valores morais que foram passados perante o contexto histórico que cercava o estado, dando voz a diferentes narradores que fizeram parte da história pesquisada. A falta de conhecimento acerca da história da ESEFEGO deixa claro o desinteresse por parte dos egressos nas concepções históricas que levaram aos homens para as danças. As produções

¹ Utilizar-se-á sigla ESEFEGO, diferente da utilizada nos dias atuais. Por ser esta usada para a escola superior de Educação Física do estado de Goiás, na década de 1970.

² GDU - Grupo de danças universitárias.



acerca do assunto ainda se encontram precárias no que se refere ao dançar dentro da ESEFEGO, deixando de lado a importância que a 1ª escola de ensino superior do estado de Goiás teve e tem para a comunidade, entretanto muito se mudou dentro das danças dando um salto contra o militarismo que o estado e a escola sofriam com a época. O estudo curricular da época se fez importante para poder fazer certas conexões para poder se ter uma análise mais sistematizada acerca do estudo do objeto.

A discussão do tema trás a tona uma questão de gênero e sexualidade, que nos provocou grande espanto. O que os homens passavam por está dançando nessa época? Essa pergunta foi bastante importante e foi através dela que chegamos a resultados que chegarão a uma amostragem reveladora. A noção de gênero é entendida aqui como relações estabelecidas a partir da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos (Scott, 1995).

Primeira Escola Superior de Educação Física do Estado de Goiás.

Como forma de estudar o passado, foi necessário realizar uma pesquisa aprofundada dentro da ESEFEGO que mostraria como aconteceu para que o homem participasse das danças dentro da unidade pesquisada, para isso fez-se necessário utilizar da metodologia da História Oral que segundo Freitas (1992, p.18) “possibilita e dá voz a diferentes versões de um determinado contexto histórico que marcou uma determinada época a ser estudada”. Esta pesquisa através do seu referencial teórico-metodológico, por si faz contato direto com os entrevistados:

Privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo [...]. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles fizeram parte ou testemunharam (ALBERTI, 1989, p.2).

Os critérios utilizados para elaborar boas perguntas foram bastante importantes nesta etapa, para realizar a pesquisa com fontes orais. O espaço onde aconteceram às entrevistas também contribuiu para uma compreensão do que os pesquisados tinham para expor diante das perguntas que foram realizadas, PENNA (2005) retrata a relevância de uma pesquisa



historiográfica no decorrer das dúvidas que cercam o assunto fazendo assim um estudo aprofundando para podermos se situar historicamente.

THOPSON *apud* ALBERTI também descreve a importância da pesquisa oral como fonte preservadora de uma análise crítica acerca do objeto estudado:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (MATOS & SENNA *apud* THOMPSON, 1992, p. 17).

Na década de 1960 o estado de Goiás apresentava alto índice de analfabetismo, era grande a quantidade de professores leigos dentro das escolas. Para tentar resolver o problema que o estado passava, fez-se necessário assinar um convenio com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que promovia uma política de aperfeiçoamento da pedagogia escolar através do magistério. No governo goiano desse período a educação ganha papel de destaque na transformação e no desenvolvimento do homem na vida social, profissional LIMA *apud* (LIMA, 1992, p.4).

Dentro dos parâmetros curriculares que a ESEFEGO seguia existia uma disciplina que nos chamou bastante atenção e que os homens não poderiam fazê-la, Fátima, Lemos e Lima contam que por volta do ano de 1973 e 1977 surge um grupo de danças dentro da ESEFEGO que ia contra os parâmetros curriculares que separam os homens das práticas descritas como femininas. O Currículo esefeguiano seguia parâmetros militaristas onde homens e mulheres em algumas disciplinas faziam práticas separadas. Lenir Miguel de Lima foi à primeira professora de Rítmica dentro da ESEFEGO seguindo os ensinamentos de Helenita Sá Earp.

Iniciei na Escola Superior de Educação Física (ESEFEGO) um trabalho voltado para a dança. Após dois anos na UFRJ fazendo pós-graduação em dança e vivenciando inúmeros e diferentes estilos com renomados profissionais da área, pude acumular conhecimentos suficientes para dar início à formação de professores de Educação Física, embasando-os para estimular e desenvolver a dança nas escolas. (na dança), através do método criado por Helenita Sá Earp (1917-) – o SISTEMA DE DANÇA UNIVERSAL (SDU) (LIMA, 1997, p.1).



Disponibilizamos então das entrevistas com os docentes escolhidos para reconstruir a história das danças dentro da ESEFEGO para contar suas respectivas experiências e vivência sociais e com as danças na década de 1970, as mesmas se encontram guardadas e sendo preparadas para monografia.

No campo da formação a dança era privilegio das mulheres, o currículo dos homens não continha à disciplina dança, enquanto no currículo das mulheres não tinha futebol, ou seja, sempre que no horário que as mulheres faziam RITMICA, os homens faziam futebol. Caso algum homem fizesse dança era visto pelos outros colegas como homossexuais. (Entrevista I).

Discussão gênero e homossexualidade

Através das entrevistas com os docentes pesquisados que estudaram na década de 1970 conseguimos chegar a um resultado que se fez necessário dá um olhar diferenciado à pesquisa, uma questão de gênero e sexualidade que de acordo com SCOTT (1995) Deve ser tratada e discutida. No entanto vamos tratar de forma bem sucinta deixando para tratar do assunto em futuras discussões no trabalho de conclusão de curso.

Para tratarmos dos resultados da pesquisa falaremos sobre gênero e homossexualidade com um olhar acerca de como era visto este paradigma na década de 1970. PRAUN (2011) mostra em seus escritos uma definição acerca de gênero dando uma definição: O termo gênero passou a ser utilizado em vários estudos cujos objetivos era compreender as formas de distinção que as diferenças sexuais induzem em uma sociedade (PRAUN 2011 *apud* OLIVIEIRA & KNONER 2005).

Na década de 1970 ainda não existia o termo homossexualidade, porém a sexualidade era bastante discutida por religiosos que não a caracterizava como uma concepção humana de acordo com escritos evangélicos que as religiões usavam para discutir sobre o assunto:

A categoria homossexual passou a existir a partir do século XIX no discurso médico. Antes disso, existia o sodomita, que cometia o ato da sodomia, não permitida por motivos religiosos e, por isso, fazia parte da lista dos pecados graves. A sodomia era definida pelo ato, não pela pessoa que o praticasse, e não era considerada uma categoria identitária (Green, 2006).

O sofrimento passado pelos alunos homens com a prática da dança foi tão forte que Neuder que era um dos dançarinos da época chegou até ao suicídio. Alguns dos homens que



continuaram a dançar até hoje, ou trabalham com a dança, ou vivem de ensinamentos aprendidos na década de 1970, porém tiveram que sofrer com as consequências que a dança trazia na sua bagagem na década aqui pesquisada.

Referências

- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- FAHLBUSCH, H. **Dança moderna e contemporânea**. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.
- FREITAS, S. M. **A voz do passado**. In Thompson, P. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.
- FÁTIMA, C. V.; LEMOS, J. R.; LIMA, L. M. **A dança em Goiás nos anos 70**. Goiânia: FUNDETEG, 2004.
- LIMA, D. R. **Da aptidão física à cultura corporal – interfaces de uma história**. Goiânia: TCC-UEG, 2011.
- LIMA, L. M. **Um momento da dança em Goiás**. Goiânia: III fórum goiano de cultura, 1997.
- MATOS, J. S.; SENNA, A. K. **Historia oral como fonte, problemas e métodos**. Rio grande do sul: ICHI-FURG, 2011.
- NICOLINO, A. S.; SANTANA, P. S. **Identidades de gênero e sexualidade na escola: um mapeamento das ações educativas realizadas em Goiânia/GO**. Goiânia: UFG/FEF, 2010.
- PENNA, R. S. **Fontes orais e historiografia avanços e perspectivas**: Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- PRAUN, A. G. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder**. revista Húmus ; 2011.
- Regimento interno ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE 1964
- SOUSA NETO, S. et al. **A formação do profissional de Educação Física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal do século XX**: Campinas. RBCEC, 2004.
- SOUSA, N. F.; CABRAL, N. A. **Fragments imagens e ideologias da sexualidade gay**. São Paulo. UNICAMP, 2010.
- SCOTT, Joan W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- Entrevista concedida por Paulo Roberto Veloso Ventura. Entrevista I. [abril. 2015]. Entrevistador: Marcelo Carneiro dos santos. Goiânia, 2015. 1 arquivo .Word. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste Artigo Científico.
- Entrevista concedida por Maria Cristina de Freitas Bonetti. Entrevista II. [mail. 2015]. Entrevistador: Marcelo Carneiro dos santos. Goiânia, 2015. 1 arquivo .Word. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste Artigo Científico.
- Entrevista concedida por Conceição Viana de Fátima. Entrevista III. [mail. 2015]. Entrevistador: Marcelo Carneiro dos santos. Goiânia, 2015. 1 arquivo .Word. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste Artigo Científico.

Currículo do autor

Estudante do curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Estadual de Goiás, campus ESEFFEGO, no 5º período, nascido na cidade de Xinguara-Pará, participante do grupo de estudos do PIBID com a coordenação do Professor e coordenador do curso de Educação Física Reigler Siqueira Pedroza. Primeiro trabalho a ser apresentado em congresso.